Casos de imaginação criativa

1. O CASO DE JEREMIAS: UMA NOVA LEITURA DA NATUREZA

Na situação de desespero dos reinados de Joaquim (609-597) e de Sedecias (597-586), Jeremias soube reler o sentido da fé no Deus Criador e, assim, oferecer ao povo um novo fundamento para a sua esperança.

1.1. A situação que pedia uma nova resposta

A situação era de total desgaste. A partir do rei Manassés (687-642) houve uma desintegração progressiva de tudo aquilo que sustentava a vida e a fé do povo. A reforma de Josias (640-609) não conseguiu reverter este processo. Ela só renovou a casa, mas não renovou o morador! Isto apareceu às claras durante o governo opressor de Joaquim (609-597). Humanamente falando, já não havia possibilidade de retorno (cf. Jr 13,23). Tudo parecia destinado a terminar na destruição e no cativeiro.

A desintegração afetava as instituições como o templo e a monarquia. O templo revelou toda sua ambigüidade ao tornar-se o instrumento privilegiado para acobertar o roubo e a exploração (Jr 7,9-11). A monarquia, na pessoa do rei Joaquim, transformou Javé numa divindade igual às divindades de Canaã e da Babilônia que pediam sacrifícios humanos (cf. Jr 7,31; 19,5; 22,3; 32,35). As lideranças todas tornaram-se corruptas, ávidas de lucro fácil (Jr 6,13-15; 23,14).

Profeta, rei, nobre, sábio, sacerdote, culto, templo: tudo estava fora dos eixos. Perderam a noção das coisas. Gritavam *paz*, quando não havia paz (cf. Jr 8,10-11), e "faziam a cabeça" do povo. "Os profetas profetizam mentiras, os sacerdotes procuram proveitos, e meu povo gosta disso" (Jr 5,31).

A desintegração chegou a afetar a vida do próprio clã, que era a base da convivência e da resistência do povo. O tecido social estava podre, viciado na raiz:

"Cada um se cuide do seu próximo e não confie em mais nenhum dos seus irmãos, pois todo irmão engana o seu irmão, e todo amigo espalha calúnia" (Jr 9,3).

Agarrar-se aonde? As respostas tradicionais para a crise já não funcionavam. "Javé, esperança de Israel, seu libertador na hora da desgraça, tornou-se um estrangeiro na própria terra, hóspede de uma noite só!" (Jr 14,8). O próprio Deus parecia estar perdido, "consternado", sem saber o que fazer (Jr 14,9). Muitos diziam: "Javé me abandonou! O Senhor se esqueceu de mim!" (Is 49,14; cf. Is 40,27). Por isso, muitos andavam à procura de outros deuses. Perderam a esperança.

1.2. A resposta de Jeremias

Neste contexto foi de grande alcance a maneira como Jeremias soube reler as coisas da fé. Homem do campo, acostumado a observar a natureza, ele descobre a fala de Deus de maneira nova. A natureza lhe comunica uma certeza: todos os dias, o sol se levanta; todos os meses, a lua se refaz; todos os anos, as chuvas molham a terra seguindo o ritmo das quatro estações. Estes fenômenos naturais, tão perto da vida do povo e tão integrados na convivência diária, acontecem sem falta, todos os dias, todos os meses, todos os anos. Ninguém é capaz de alterar o seu ritmo. As montanhas não mudam de lugar. As estrelas não caem. Ninguém é capaz de mudar esta ordem. Ninguém! Nem o povo com a sua infidelidade, nem Nabucodonosor, o rei da Babilônia, o grande opressor, que pensava ser deus e dono do mundo (Is 47,7-8).

Ora, é nesta ordem constante e infalível da natureza que Jeremias vê uma expressão da fidelidade e da força com que Deus conduz e liberta o seu povo. Quanto mais ele observa os fenômenos da natureza, tanto mais aprofunda sua fé e esperança em Javé. Por mais que a situação lhe dissesse: "Estamos perdidos! Nabucodonosor já venceu!", a natureza lhe diz o contrário: "Não há poder neste mundo capaz de frustrar o projeto de Deus!"

Eis alguns textos onde esta nova intuição aparece com mais força:

1) "Assim diz Javé, aquele que estabelece o sol para iluminar o dia e ordena à lua e às estrelas para iluminarem a noite, aquele cujo nome é Javé dos exércitos: Quando essas leis falharem diante de mim – oráculo de Javé – então o povo de Israel também deixará de ser diante de mim uma nação para sempre" (Jr 31,35-36).
2) "Assim diz Javé: Quando alguém for capaz de medir o tamanho do céu nas alturas ou de examinar com cuidado os profundos alicerces da terra, então eu rejeitarei o povo inteiro de Israel por causa de tudo o que ele fez! Oráculo de Javé!" (Jr 31,37).
3) "Assim diz Javé: Se vocês forem capazes de romper minha aliança com o dia e com a noite, de tal modo que já não haja mais dia nem noite no tempo certo, então também será rompida minha aliança com o meu servo Davi, de tal modo que lhe falte um descendente no trono, e a aliança com os levitas sacerdotes que me servem. Como o exército dos céus que não pode ser enumerado, como a areia do mar que não pode ser contada, assim multiplicarei a posteridade de Davi, meu servo, e os levitas que me servem" (Jr 33,20-22).

4) "Assim disse Javé: Como é certo que eu criei o dia e a noite e estabeleci as leis do céu e da terra, também é certo que não rejeitarei a descendência de Jacó e de Davi, meu servo, deixando de escolher entre seus descendentes os que governarão a posteridade de Abraão, de Isaac e de Jacó. Porque eu mudarei a sorte deles, e deles terei compaixão!" (Jr 33,25-26).

1.3. As conseqüências

A meditação sobre a natureza ajudou Jeremias a perceber a força com que Deus acompanha e liberta o seu povo. O alcance desta intuição apareceu nos anos seguintes, durante o cativeiro. Os discípulos e as discípulas de Isaías desenvolveram a intuição de Jeremias e a integraram na vivência diária da fé. Eles usam a palavra *criar* (bara') para dizer que Deus *cria* não só a terra (Is 40,28; 42,5; 48,15), as estrelas (Is 40,26), as trevas (Is 45,7). Ele também *cria* o povo (Is 43,1; 51,13), os filhos e as filhas do povo (Is 43,7). Ele é o *criador de Israel* (Is 43,15). Ele *cria* a justiça (Is 45,8), a alegria para Jerusalém (Is 65,18), as maravilhas do novo êxodo (Is 41,18-20). Ele vai *criar* um novo céu e uma nova terra (Is 65,17). E ao povo diziam: "Aquele que te fez será o teu esposo!" (Is 54,5). Esta fé renovada no Deus criador foi fonte de coragem para o povo exilado e o ajudou a descobrir sua missão como luz das nações (Is 42,5-6).

Nesta intuição de fé de Jeremias está a semente que gerou a primeira página da Bíblia: "No princípio Deus criou o céu e a terra" (Gn 1,1–2,4). A profissão de fé no Deus criador é uma afirmação, não em primeiro lugar cosmológica, mas sim salvífica e libertadora. Dizendo que Deus criou o mundo, expressavam sua fé inabalável de que nada e ninguém, nenhum poder neste mundo é capaz de superar o poder com que Deus sustenta e conduz o seu povo. Eles diziam com outras palavras o mesmo que Paulo escreveu mais tarde na carta aos Romanos: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Rm 8,31). É a fé de que para Deus nada é impossível (cf. Jr 32,27). Até hoje cantamos: "Quem nos separará, quem vai nos separar...?"

2. O CASO DE RUTE: UMA NOVA ENTRADA PARA O POVO DE DEUS

O livro de Rute rompe com a observância legalista introduzida por Neemias e Esdras, convida para uma observância crítica das leis e indica pistas para encontrar uma saída.

2.1. A situação sem horizonte e sem saída

O livro de Rute é do período pós-exílico, época de Neemias e Esdras. Era uma época em que os pobres eram explorados e já não tinham como sobreviver (Ne 5,1-5). Muitos deles eram obrigados a emigrar por causa da seca ou da falta de recursos (Rt 1,1). Como conseqüência, havia uma mistura cada vez maior do povo judeu com os povos vizinhos (Rt 1,4; Ne 13,23). O casamento com mulheres estrangeiras produzia uma mistura de costumes religiosos e uma perda de identidade, a ponto de muitos judeus já nem mais saberem falar sua própria língua (Ne 13,24).

Como reação, Neemias e Esdras propunham uma volta à "grande disciplina". Eles convidavam o povo a separar-se dos outros povos pela observância estrita da lei, pela celebração fiel do culto, centrado em torno do Templo de Jerusalém, e pela preservação da pureza da raça (Ne 9,2; 10,29-32; Esd 9,1-3; 10,2-4). Por isso, a mulher estrangeira era expulsa como perigosa (cf. Esd 9,1-2; 10,1-3). Além disso, a lei da pureza era causa de uma marginalização crescente da mulher como impura (cf. Lv 15,19-30; 12,1-8).

Por tudo isso, aos poucos, a pertença ao povo de Deus começava a ser medida não mais pela adesão interior ao objetivo da lei, mas sim pela observância externa de normas e costumes. A insistência na lei como valor em si fazia perder de vista a situação concreta do povo, para a qual a lei tinha sido feita. Por exemplo, a lei do resgate, criada para defender a posse da terra dentro do clã (cf. Lv 25), era usada pelos parentes ricos para comprar as terras dos parentes pobres e, assim, aumentar suas posses, sem se importar com a situação do pobre que ficava sem terra e sem recursos (Rt 4,4-8). Protegidos pela letra da lei, transgrediam o espírito, o objetivo da lei. O livro de Neemias faz uma descrição dramática da situação sem saída em que se encontravam os pobres (Ne 5,1-5).

2.2. A resposta do livro de Rute

Quando lido a partir deste contexto das mulheres marginalizadas pela reforma de Esdras, o livro de Rute, em vez de ser uma história inocente, aparece como uma grave denúncia da "grande disciplina". Ele é um convite a buscar outros caminhos, um exemplo vivo de criatividade. Vejamos:

1) *O simbolismo dos nomes* – os nomes de todas as pessoas têm um significado simbólico: Noemi = Graciosa; Elimelek = Meu Deus é Rei; Maalon = Enfermidade; Quelion = Fragilidade; Rute = Amiga; Orfa = Costas; Booz = Pela Força; Belém = Casa do Pão; Mara = Amargosa; Obed = Servo. Através do significado dos nomes, o livro dá a dica para o leitor ou a leitora descobrir o fio da meada da história que vai ser contada. Assim, desde a primeira linha pede-se criatividade.

2) *O futuro nasce a partir de duas mulheres pobres* – Naquele contexto de marginalização total da mulher, o livro de Rute faz o futuro do povo nascer de duas mulheres, ambas pobres, ambas viúvas e sem filhos; uma delas estrangeira! De todos os grupos sociais existentes ou possíveis, estas duas teriam a menor chance de sobrevivência!

3) *Fiéis ao projeto de Deus, as mulheres criam as saídas* – Na história de Rute são as duas mulheres que descobrem as saídas nos momentos decisivos da caminhada (Rt 2,2.19-23; 3,1-5.16-18). Os outros, como Booz, executam o projeto elaborado por elas. Nas entrelinhas transparece que elas descobrem a saída, confrontando a situação em que vivem com a Lei e com a História do povo de Deus. Por exemplo, a decisão de respigar (Rt 2,2) está baseada na lei do Levítico (Lv 19,9-10; 23,22). A decisão de passar a noite com Booz na eira (Rt 3,1-5) se inspira na ação de Tamar com Judá (Gn 38). Sugere-se, assim, que a caminhada dos pobres é fiel ao projeto de Deus.

4) *A nova porta de entrada no povo de Deus* – Na história de Rute a pertença ao povo de Deus não se mede pela observância externa da lei nem pela

pureza da raça, mas sim pelo compromisso concreto com os pobres. Rute, a estrangeira, é aceita como membro do povo de Deus no momento exato em que ela se compromete com Noemi: "Aonde você for, eu também irei. Onde você viver, eu também viverei. Seu povo será o meu povo, e seu Deus será o meu Deus. Onde você morrer, eu também morrerei e serei sepultada. Somente a morte nos poderá separar. Se eu fizer o contrário, que Javé me castigue!" (Rt 1,16-17). A nova porta de entrada no povo de Deus é a opção de ficar do lado dos mais pobres, do lado da viúva Noemi, que não tem futuro. Esta porta está aberta tanto para judeus como para estrangeiros. Em vez do relaxamento, de que eram acusados os que se casavam com mulheres estrangeiras, aparece aqui um compromisso muito sério com o *objetivo* da lei de Deus, que é a vida do povo.

5) *Crítica à expulsão da mulher estrangeira* – O livro de Rute discorda radicalmente da política oficial, promovida por Esdras, de expulsar a mulher estrangeira. Isto transparece nas linhas e nas entrelinhas dos vários episódios: a) No centro da história está uma estrangeira, Rute, que em vez de ser expulsa é acolhida por Noemi (Rt 1,18). b) Rute é como Abraão, o pai do povo, pois deixou tudo para ir morar em outra terra (Rt 2,11). c) Todo o povo de Belém pede a Deus para que Rute possa ser como Lia e Raquel. Ou seja, pede que uma estrangeira se torne mãe do povo de Deus (Rt 4,11). d) No apêndice, o livro desenterra a memória incômoda, segundo a qual o próprio Davi era neto de uma estrangeira (cf. Rt 4,18-22). Ou seja, quem expulsa a mulher estrangeira corre o risco de expulsar a avó do futuro Messias, do novo Davi.

6) *Deus é para todos, e não só para os judeus* – No livro de Rute os pobres, na pessoa de Noemi, não nacionalizam Deus nem pretendem ter o monopólio da proteção de Deus. Não querem que Javé seja Deus só do povo judeu. Com a maior naturalidade Noemi invoca a proteção de Javé sobre as duas noras, ambas estrangeiras (Rt 1,9).

7) *Ignora o que preocupa os outros* – O livro chama a atenção do leitor não só pelo que diz, mas também pelo que não diz. Numa época em que todos davam o máximo valor à raça, ao Templo e à Lei, a história de Rute não fala do Templo, nem do culto, nem do sacerdócio, nem de Jerusalém. Em vez de insistir na observância da lei como os outros faziam, propõe uma releitura da lei do resgate e a atualiza dentro do novo contexto. Pede que não se desligue a posse da terra da situação concreta dos seus moradores (Rt 4,5-6). Ou seja, a lei é para o povo, e não o povo para a lei.

2.3. As conseqüências

O livro de Rute revela a criatividade do povo, a sua coragem de encontrar caminhos novos para resolver os problemas e o seu jeito de mostrar que o problema maior não é a observância da lei, mas sim "pão, família e terra". É difícil avaliar a influência que um determinado livro possa ter tido na história de um povo. Uma coisa é certa: mesmo sendo a voz da oposição e admitindo coisas tão "heréticas" como a possibilidade de uma estrangeira chegar a ser mãe do povo de Deus, o livro de Rute não foi riscado da lista dos livros inspirados, mas continuou fazendo parte da tradição do povo de Deus. Rute chegou a ser uma das cinco mulheres que aparecem na genealogia de Jesus ao lado de Tamar, Raab, Betsabéia e Maria (Mt 1,5).

3. O CASO DA POESIA HEBRAICA: UM APELO À CRIATIVIDADE

A poesia hebraica provoca o leitor a ser criativo. Não dá as coisas prontas, mas leva-o a descobri-las e a recriá-las.

O sentido que o poeta quer transmitir através da sua poesia não está só nas palavras e frases que ele escolhe e arruma com tanto cuidado. Está também e sobretudo no espaço invisível que ele cria entre as palavras e entre as frases. Não está só nas linhas, mas também nas entrelinhas. Arrumando as palavras e as frases dentro de uma determinada ordem, ele cria entre elas uma relação, uma zona de silêncio, que provoca e desafia o leitor. As palavras assim arrumadas tornam-se como que grávidas de um novo sentido, de um novo sentir. Digo *novo* pelo seguinte: as palavras têm o seu sentido fixo, catalogado nos dicionários, mas juntando diversas palavras dentro de uma determinada ordem cria-se o espaço para um novo sentido.

3.1. O paralelismo: a forma básica da poesia hebraica

Cada povo arruma as palavras da sua poesia de acordo com as possibilidades da sua cultura e da sua língua. O critério literário usado pelos nossos poetas para aproximar entre si as palavras e as frases costuma ser a associação sonora, o ritmo e a rima. Os hebreus costumam usar o critério do conteúdo e do significado das frases. A característica básica da poesia hebraica é esta: *aproximar duas ou mais frases, dois ou mais pensamentos, completos em si, cada um carregado de um sentido*. São como dois pólos, entre os quais se estabelece uma tensão, uma relação; ou como dois fios, entre os quais salta a faísca invisível do sentido a ser captado pelo leitor.

A poesia hebraica faz isto sobretudo através do *paralelismo*. Em frases justapostas repete as mesmas idéias, muitas vezes sem ordem e sem "lógica", para que uma esclareça e ilumine a outra. O leitor que o descubra! Existem três formas:

Paralelismo sintético: uma frase completa o sentido da outra.

Paralelismo sinônimo: uma frase repete o mesmo que a outra.

Paralelismo antitético: uma frase diz o contrário da outra.

Um exemplo de cada:

"Um olhar sereno alegra o coração,
uma boa notícia reanima as forças" (Pr 15,30).

"Eles tramam um plano contra o teu povo,
conspiram contra os teus protegidos" (Sl 83,4).

"O pobre fala suplicando,
o rico responde duramente" (Pr 18,23).

3.2. O paralelismo na organização do conteúdo da Bíblia

O paralelismo é muito mais do que só uma forma literária. Revela algo da mentalidade do povo hebreu. Revela um estilo contemplativo que não segue a

nossa lógica e exige um esforço para sair da nossa lógica e entrar na lógica do povo hebreu.

A Bíblia usa o paralelismo não só para organizar as palavras e as frases dentro de cada provérbio, mas também para organizar o conjunto dos pensamentos dentro de um mesmo livro. Por exemplo, o livro dos Salmos. Vários salmos formam duplas. Parecem gêmeos:

1) Salmos 50 e 51 formam um paralelismo *sintético*. O Salmo 50 acusa o povo e denuncia sua culpa. O Salmo 51 confessa o pecado e reconhece a culpa. Um completa o outro.

2) Salmos 3 e 4 formam um paralelismo *sinônimo*. O Salmo 3 diz: "Eu me deito e logo adormeço". O Salmo 4 diz: "Em paz me deito e logo adormeço". Os dois são orações da noite. Um diz o mesmo que o outro.

3) Salmos 22 e 23 formam um paralelismo *antitético*. O Salmo 22 diz: "Meu Deus, por que me abandonaste?" O Salmo 23 diz: "O Senhor é meu pastor!" Um diz o contrário do outro.

Aqui se abre um campo de pesquisa: descobrir o fio invisível do sentido que corre entre as várias partes do livro dos Salmos, desde o Salmo 1 até o Salmo 150, e descobrir como um Salmo pode ajudar a completar o sentido do outro.

Estas observações valem também para toda a Bíblia. O paralelismo é uma expressão da própria estrutura do pensamento hebraico. Por meio dele o autor não diz tudo o que tem a dizer, mas apenas sugere. Deixa o mais importante por conta do leitor, que deve descobri-lo. E a descoberta a ser feita não é como nas "palavras cruzadas" ou "charadas" dos almanaques, onde se diz: "Solução na página seguinte!" O paralelismo provoca e estimula a criatividade do leitor ou da leitora. Deixa o sentido em aberto, como Jesus que, ao terminar as parábolas, dizia: "Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça!" (Mc 4,9).

O paralelismo ajudou na organização dos 72 livros da Bíblia. A Bíblia conserva uma variedade imensa de tradições, das quais umas *se completam* (sintético), outras são *iguais* (sinônimo), outras, *contraditórias entre si* (antitético).

A lógica diferente, expressa no paralelismo *antitético*, ajuda a entender como pode haver tanta justaposição de livros e ensinamentos contrários entre si dentro da mesma Bíblia: Ao lado de Esdras, que manda repudiar a mulher não-israelita (Esd 10,3.10-14), está o livro de Rute, que pede exatamente o contrário (Rt 1,16-17; 4,11). Ao lado do livro dos Reis, onde Davi é pecador (1Sm 11,1-27), está o livro das Crônicas, onde Davi é santo. Ao lado do Templo como covil de ladrões (Jr 7,11), está o Templo como casa de Deus e casa de oração (Sl 84). Ao lado da tradição javista está a tradição eloísta. Ao lado da proibição de beber vinho (Pr 23,31-35) está a recomendação de beber vinho (1Tm 5,23), que alegra o coração (Sl 104,15) e anima as festas (Jo 2,3-10). Ao lado de Paulo, que fala da justificação pela fé (Rm 3,20-31), está Tiago, para quem a fé sem obras é morta (Tg 2,14-26). E assim há muitos outros casos.

Isto não quer dizer que para a Bíblia todas as opiniões são igualmente boas. De maneira nenhuma! Mas quer dizer que, na Bíblia, a verdade não é excludente, mas sim envolvente. Ela não se impõe, mas se oferece; não procura vencer, mas sim convencer. O leitor não é convidado a descobrir o que o autor já sabe. A Bíblia apenas aponta um rumo. Não é dogmática, mas criativa. Isto dá uma liberdade enorme e pede, ao mesmo tempo, muita fidelidade e criatividade.

3.3. As conseqüências

A poesia do povo hebreu é como uma seta na estrada. Coloca-nos no rumo da descoberta a ser feita. Põe a semente da pergunta no chão da vida e tem a coragem e a paciência de esperar até que brote e dê fruto. O seu método consiste não tanto em fazer saber, mas sim em fazer descobrir. O poeta hebreu quer ajudar o discípulo a ter a experiência que ele mesmo teve. Assim, no momento em que nós, através da leitura e do estudo da Bíblia, conseguirmos encontrar ou recriar em nós esta mesma experiência, teremos encontrado a fonte de onde o autor da Bíblia bebeu e a luz que o iluminou. Como diz Milton Nascimento:

"Certas canções que eu ouço
Cabem tão dentro de mim
Que perguntar carece
Como não fui eu que fiz?"

A poesia hebraica é como uma janela. O mais importante da janela não é a sua forma, mas sim o panorama que se vê através dela. O resultado da poesia não depende só do poeta ou do sábio que formula o provérbio. Ele inicia a obra. Nós, os leitores, devemos completá-la. As palavras da poesia são como um binóculo que ele entrega ao leitor dizendo: "Aqui! Olhe você também para a vida, para Deus! Você vai gostar!" E pode até acontecer que o leitor, olhando pelo provérbio, pela poesia ou pelo salmo, consiga enxergar mais do que o próprio autor.[1]

Carlos Mesters
Caixa Postal 64
23900-970 Angra dos Reis, RJ

1. Para elaborar a parte sobre a poesia hebraica, de muita utilidade foi o texto de MILTON SCHWANTES, *Um estudo de Provérbios cap. 25: "A glória dos governantes consiste em investigar a corrupção"*. Publicação mimeografada. São Leopoldo, CECA, sem data.